

a fuga da fuga, o exílio  
sem água e palavra, a perda  
voluntária de amor e memória,  
o eco  
já não correspondendo ao apelo, e este fundindo-se,  
a mão tornando-se enorme e desaparecendo  
desfigurada, todos os gestos afinal impossíveis,  
senão inúteis,  
a desnecessidade do canto, a limpeza  
da cor, nem braço a mover-se nem unha crescendo.  
Não a morte, contudo.

Mas a vida: captada em sua forma irredutível,  
já sem ornato ou comentário melódico,  
vida a que aspiramos como paz no cansaço  
(não a morte),  
vida mínima, essencial; um início; um sono;  
menos que terra, sem calor; sem ciência nem ironia;  
o que se possa desejar de menos cruel: vida  
em que o ar, não respirado, mas me envolva;  
nenhum gasto de tecidos; ausência deles;  
confusão entre manhã e tarde, já sem dor,  
porque o tempo não mais se divide em seções; o tempo  
elidido, domado.  
Não o morto nem o eterno ou o divino,  
apenas o vivo, o pequenino, calado, indiferente  
e solitário vivo.  
Isso eu procuro.

## CAMPO, CHINÊS E SONO

*A João Cabral de Melo Neto*

O chinês deitado  
no campo. O campo é azul,  
roxo também. O campo,  
o mundo e todas as coisas  
têm ar de um chinês  
deitado e que dorme.  
Como saber se está sonhando?  
O sono é perfeito. Formigas  
crescem, estrelas latejam,

peixes são fluidos.  
E árvores dizem qualquer coisa  
que não entendes. Há um chinês  
dormindo no campo. Há um campo  
cheio de sono e antigas confidências.  
Debruça-te no ouvido, ouve o murmúrio  
do sono em marcha. Ouve a terra, as nuvens.  
O campo está dormindo e forma um chinês  
de suave rosto inclinado  
no vão do tempo.

## EPISÓDIO

Manhã cedo passa  
à minha porta um boi.  
De onde vem ele  
se não há fazendas?

Vem cheirando o tempo  
entre noite e rosa.  
Para à minha porta  
sua lenta máquina.

Alheio à polícia  
anterior ao tráfego  
ó boi, me conquistas  
para outro, teu reino.

Seguro teus chifres:  
eis-me transportado  
sonho e compromisso  
ao País Profundo.

## NOVA CANÇÃO DO EXÍLIO

*A Josué Montello*

Um sabiá  
na palmeira, longe.  
Estas aves cantam  
um outro canto.

O céu cintila  
sobre flores úmidas.  
Vozes na mata,  
e o maior amor.

Só, na noite,  
seria feliz:  
um sabiá,  
na palmeira, longe.

Onde é tudo belo  
e fantástico,  
só, na noite,  
seria feliz.  
(Um sabiá,  
na palmeira, longe.)

Ainda um grito de vida e  
voltar  
para onde é tudo belo  
e fantástico:  
a palmeira, o sabiá,  
o longe.

#### ECONOMIA DOS MARES TERRESTRES

A queixa  
comprimida na garrafa  
quer escapar  
reunir os povos  
dizer a Matilde que lhe perdoa  
organizar a vida dos índios,  
a queixa  
no vácuo  
lembra uma queixa menor.  
Dir-se-ia, na chama, uma sombra,  
não arde, também se destrói.  
A queixa mínima  
já não pede ao vento que se cale  
aos estudantes que estudem, a Elza



*Carlos Drummond de Andrade*

# CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE

## POESIA COMPLETA

*Conforme as disposições do autor*

FIXAÇÃO DE TEXTOS E NOTAS DE

*Gilberto Mendonça Teles*

INTRODUÇÃO DE

*Silviano Santiago*



RIO DE JANEIRO, EDITORA NOVA AGUILAR S.A., 2002